

# Dois Fernandos, uma eleição e um só discurso

■ Cardoso e Collor, um sociólogo e outro aventureiro, fizeram os mesmos diagnósticos e promessas ao tomar posse na Presidência

MAURÍCIO DIAS

Além da coincidência de nomes e da vitória eleitoral sobre o mesmo *sparring*, existe entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ex-presidente Fernando Collor de Mello outras similaridades que, sem estabelecer necessariamente um vínculo de ferro entre os dois, espicaça a curiosidade de quem se debruça na análise da distribuição de votos das duas eleições (1989 e 1994) e sobre a leitura dos discursos presidenciais de posse.

É bem verdade que, virando sempre para trás as páginas da história, dá para perceber que, com raras mas nem sempre honrosas exceções, os discursos presidenciais — no solene momento de ascensão ao poder — parecem cópias uns dos outros. O fato, puxado pela imaginação, leva até a acreditar que a identidade dos discursos é resultado do trabalho de um só monotemático redator. Talvez um velho e experimentado *ghost writer*, encarregado pelo Planalto de compor para esta ocasião festiva a mesma partitura onde as notas — graves e agudas — buscam intencionalmente arrebatar plateias.

Mas a verdade é que os presidentes são diferentes — um abismo separa o sociólogo Cardoso do aventureiro Collor —, os redatores são muitos e as coligações políticas que os impulsionam para o alto são muitas vezes, também, diversas.

**Diagnósticos** — Por que será, então, que o diagnóstico sobre a situação do país feito por Fernando Henrique Cardoso, em 95, é tão parecido com o que fez Fernando Collor de Mello em 90? Não importa que o primeiro pontue suas preocupações com os “excluídos” e o último procurasse falar aos “descamisados”. A realidade, que permanece imutável e indiferente às emoções de uns e outros, empurra os mesmos temas para a agenda dos governantes, cuspidos nas nossas caras o rosário de promessas descumpridas. Ao fim e ao cabo, a esperança acaba sendo a *única* que morre, numa perversa subversão do velho adágio popular.

Ainda agora, Fernando Henrique aponta a dívida social como “objetivo número um” do seu governo. Um pouco lá atrás, Collor fazia do combate à injustiça “a finalidade maior do seu governo”. Só para comprovar que isto é mesmo o fio de uma longa meada, José Sarney — que desacreditou, definitivamente, o mote *tudo pelo social* — disse que “ninguém pode viver feliz num país em que milhões de pessoas não têm direito à felicidade”.

O curioso paradoxo destas coincidências — que nos deixa a impressão



## O discurso de Fernando Henrique



## O discurso de Fernando Collor

### VISÕES DE GERAÇÃO

"Pertencço a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo."

"Pertencço a uma geração que lançou um grito de alerta contra um modelo de crescimento que caminhava às cegas para o extermínio da vida sobre a terra..."

### LIÇÕES DE JK

"Por algum tempo, na presidência de Juscelino Kubitschek, o futuro nos pareceu estar perto. Havia desenvolvimento..."

"Do binômio de Juscelino - democracia e desenvolvimento - queremos passar ao trinômio do Brasil moderno: democracia, desenvolvimento e justiça social."

### FIM DA IDEOLOGIA

"Vamos aposentar os velhos dilemas ideológicos e as velhas formas de confrontação..."

"Fica definitivamente sepultada a guerra fria."

### INTEGRAÇÃO

"Vamos valorizar ao máximo a condição universal da nossa presença, tanto política quanto econômica. Condição que nos permite aprofundar nossa participação nos esquemas de integração regional..."

"Para o Brasil, o grande espaço imediato é a América Latina, com seu epicentro econômico no Cone Sul..."

### MUDANÇA DE MENTALIDADE

"Esta verdadeira revolução social e de mentalidade só irá acontecer com o concurso da sociedade."

"Tanto a ética quanto o interesse nacional reclamam uma completa mudança de mentalidade..."

### ANTEPASSADOS

"Essa chama eu vi brilhar nos olhos de meu pai (...) como já brilhara no fim do império nos olhos do meu avô..."

"Orgulho-me de ter pertencido à Câmara dos Deputados onde meu avô (...) tivera atuação destacada. Envaideço-me da memória dos anos fecundos que meu pai (...) dedicou ao Senado Federal."

### TRANSIÇÃO

"Recuperamos aquele que deve ser o bem mais precioso de um povo: a liberdade. Pacificamente, com tranquilidade..."

"O equilíbrio e o espírito cívico, fizeram com que a transição pudesse ocorrer em paz, sem violência..."

### A FORÇA DAS URNAS

"As prioridades que propus ao eleitor e que a maioria aprovou, são aquelas que repercutem diretamente na qualidade de vida das pessoas..."

"Com a chancela das urnas, após uma vitória eleitoral expressiva, resultado da opção popular por nosso programa de governo e da renovação."

### O POVO NO PODER

"Minha missão (...) é fazer com que essas prioridades do povo sejam também as prioridades do governo."

"Não basta governar para o povo - é preciso aproximar o governo do povo..."

### CORRUPÇÃO

"O clientelismo, o corporativismo e a corrupção sugam o dinheiro do contribuinte."

"Nada me reggina mais o espírito da cidadania que a corrupção, a prevaricação e o empreguismo."

### INFLAÇÃO

"...afastar de uma vez por todas o fantasma da inflação. A isto me dedicarei com toda a energia (...) contando com o apoio do Congresso."

"Minha presidência jogará tudo contra esse câncer social (...) jogarei todas as energias do Executivo, pedirei todo o apoio do Congresso para erradicar definitivamente (...) a erva daninha da inflação."

### A MAIORIA

"Vou governar para todos. Mas se for preciso acabar com os privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: estarei ao lado da maioria."

"...no combate da campanha pude perceber a fundo até que ponto o povo brasileiro deseja eliminar o carnaval dos gastos, das emissões e dos preços. Sei que, para eliminá-lo terei que contrariar interesses poderosos."

### DÍVIDA SOCIAL

"Falta justiça social (...) Será este o objetivo número um do meu governo."

"A finalidade maior do meu governo é libertar o Brasil da vergonha, da miséria e da injustiça."

*lampedusiana* de que quanto mais muda, mais igual a coisa fica — não para aí. Afinal, a miséria dos brasileiros, embora muito longe de ser banal, parece ser uma questão óbvia demais para servir, por si só, como o exemplo que sustenta a tese de que os discursos presidenciais de posse formam mesmo um samba de uma nota só.

Há uma lista enorme — não só de temas mas, também, de frases — que torna muito próximo um discurso do outro. Uma questão menos comum como o fim das ideologias está presente nos textos lidos por Cardoso e Collor. O redator do discurso de 94 (supostamente Eduardo Graeff) convocou a sociedade política a “aposentar velhos dilemas ideológicos”. O diplomata e ensaísta José Guilherme Merquior, autor do discurso de Collor, tratou da mesma questão. Assim: “Fica definitivamente sepultada a guerra fria”. É como se ambos estivessem incomodados pela votação do bloco de centro-direita que deu para Fernando Collor 53% dos votos válidos, no segundo turno da eleição presidencial de 89, e 54% para Fernando Henrique, em 94.

Simplem acaso? O professor Wanderley Guilherme dos Santos pensa que não. Num oportuno flagrante comparativo das duas eleições (publicado na revista *Monitor Público*, da Faculdade Cândido Mendes), Santos e Augusto Rogério Schmitt concluem que “a lógica das eleições presidenciais em dois turnos parece estar induzindo a formação de dois grandes blocos do eleitorado”. O primeiro iria do centro à direita (votou em Collor e Cardoso) e o outro — ainda minoritário —, do centro à esquerda (votou em Lula nas duas eleições).

Sem pretender fazer “qualquer tipo de vínculo ou associação político-eleitoral” entre os dois Fernandos, o trabalho de Wanderley Guilherme e Rogério Schmitt (*Dois Fernandos e uma eleição*) constata que a “alta correlação de ordem entre a distribuição estadual das votações de Fernando Collor e de Fernando Henrique” parece indicar “algum grau de consolidação espacial do eleitorado que votou em FHC em 1994 e aquele que votou em Collor em 1989”.

Eleições iguais, discursos iguais. Já que são, individualmente, pessoas tão distintas uma da outra, a identidade que estas coincidências confere aos dois — enquanto atores políticos — só será dissociada se a receita que Cardoso aviar para as *doenças* brasileiras for diferente. O tempo será o juiz e o próximo discurso de posse trará a resposta.

